

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8  
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM  
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:  
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

 CITCEM  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

 PORTO  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu  
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



# Índice

- 15 Prefácio  
José Morais Arnaud

## 1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)  
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?  
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004  
Vítor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas  
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino  
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal  
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes  
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*  
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves  
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

## 2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia  
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas  
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização  
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde  
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)  
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalho
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo  
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis  
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos  
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica  
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche  
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo  
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial  
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem  
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional  
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

### **3. Didáctica da Arqueologia**

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente  
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!  
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico  
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável  
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia  
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades  
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente  
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)  
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia  
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)  
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático  
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia  
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia  
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia  
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu  
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

#### **4. Arte Rupestre**

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal  
Míla Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso  
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa  
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa  
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)  
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009  
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal  
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo  
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar  
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar  
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

## 5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos  
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional  
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira  
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG  
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa  
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica  
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I  
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo  
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira  
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo  
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)  
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)  
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)  
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.  
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)  
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho  
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio  
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território  
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018  
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967  
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem  
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos  
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

## 6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão  
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado  
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média  
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis  
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)  
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste  
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final  
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde  
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto  
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga  
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual  
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação  
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado  
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro  
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional  
Francisco B. Gomes

## 7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização  
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?  
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas  
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves  
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro  
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica  
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação  
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização  
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico  
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)  
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização  
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego  
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa  
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):  
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado  
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,  
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar  
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir  
de um estudo de caso  
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termas de *Mirobriga*  
(Santiago do Cacém)  
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária  
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte  
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval  
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)  
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016  
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole  
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)  
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /  
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia  
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus  
(Vila Nova de Gaia)  
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na  
Antiguidade Tardia  
Virgílio Lopes

## 8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas  
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /  
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /  
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média  
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII  
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica  
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica  
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas  
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão  
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD  
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)  
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela  
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense  
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal  
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média  
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém  
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)  
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa  
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade  
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

## **9. Época Moderna e Contemporânea**

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas  
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa  
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa  
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos  
(Lisboa)  
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos  
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa  
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)  
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)  
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana  
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)  
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia  
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa  
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho  
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI  
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças  
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal  
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção  
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos  
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha  
do Alferes, Seixal (século XVI)  
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa  
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures  
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa  
de Época Moderna  
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos  
humanos recuperados  
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica  
na Rua da Vitória nº 15 a 17  
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna  
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT  
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia  
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel  
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário  
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário  
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo  
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA  
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial  
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras  
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico  
Xurxo Ayán Vila / José M<sup>a</sup>. Señorán Martín

# FAIANÇAS DE DOIS CONTEXTOS ENTRE OS FINAIS DO SÉCULO XVI E XVIII DO PALÁCIO DOS CONDES DE PENAFIEL, LISBOA

Martim Lopes<sup>1</sup>, Tomás Mesquita<sup>2</sup>

## RESUMO

O Palácio dos Condes de Penafiel, em Lisboa, foi alvo de intervenções arqueológicas entre 1992 e 1993, nas quais foram exumados três contextos de Época Moderna, entre os séculos XVI e XVIII (1755), quando está documentada a destruição do edifício prévio ao actual palácio dos Condes de Penafiel.

Os autores propõem-se analisar o espólio de faiança europeia proveniente dos dois contextos mais antigos, associados à desativação de uma conduta baixo-medieval (final do século XVI-XVII) e a edificação da primitiva unidade habitacional (1º quartel do século XVI) que colapsa em 1755, onde foram recolhidas cerâmicas utilizadas na construção do edifício.

**Palavras-chave:** Faiança Portuguesa, Séculos XVI-XVIII, Majóllica, Belarminos.

## ABSTRACT

The Palace of Condes de Penafiel, in Lisbon, was archaeological interventioned between 1992-1993, in which were recovered three contexts of historical archaeology, datable between the XVI century and the XVIII century, when is documented the collapse of the previous to the actual palace, during the 1755 earthquake.

The authors analyse the European faience recovered from the two oldest contexts (XVI-XVII century), associated to the deactivation of a medieval drain and the primitive edification of the building (1<sup>st</sup> quarter of XVI century), which is destroyed in 1755, where were collected ceramics reused within the walls.

**Keywords:** Portuguese Faience, XVI-XVIII Centuries, Maiolica, Belarmine.

## 1. INTRODUÇÃO

Os jardins do Palácio dos Condes de Penafiel estão situados numa das encostas do Castelo de São Jorge, no cruzamento da Rua de Martim Alho, o Largo do Correio Velho, a Rua de S. Mamede ao Caldas e a Calçada do Correio velho, tendo sido efectuada uma intervenção entre o ano de 1992 e 1993 pela equipa municipal, sob a direção de António Dias Diogo (Bargão, Ferreira e Silva, 2017, p.1781), estando o espaço actualmente ocupado com a sede da CPLP em Lisboa.

Esta área corresponde a uma edificação que remonta à reconstrução da cidade de Lisboa após os danos

causados pelo terramoto de 1 de Novembro de 1755, sendo a datação da construção desta estrutura apontada para o período entre 1770 e 1773.

De acordo com o tombo pombalino, as unidades habitacionais prévias a 1770, exumadas no decorrer dos trabalhos, pertenceriam a D. Luís de Portugal (habitação Sul) e ao Padre João de Sequeira (habitação Norte) (Bargão, Ferreira e Silva, 2017, p. 1784).

Já em 1650 é visível na planta de João Nunes Tinoco os contornos correspondentes às duas habitações, podendo ser recuadas as referências até à segunda metade do século XVI, através da iconografia de Bráunio, onde já está representado o quarteirão em causa (Bargão, Ferreira e Silva, 2017, p. 1784).

1. NOVA-FCSH; martimafonsorl@sapo.pt

2. ISCTE-IUL; tomasmmesquita@gmail.com

No respeitante às condutas, estas estariam ainda em uso no século XVIII, ainda que a sua altura máxima de 1,30 m estivesse colmatado em mais de 0,70 m por várias unidades, com profuso material cerâmico datável às primeiras décadas do século XVI, que sugerem o seu deficiente planeamento e falha de manutenção no curto prazo. Esta conduta, está referenciada no *Livro dos Pregos*, com uma datação de 1524 a 1545, onde se referencia a posse do espaço por Dona Catarina, denominado como as casas de Dona Catarina (Bargão, Ferreira e Silva, 2017, p. 1784-1785). Esta proprietária poderá tratar-se da Rainha D. Catarina de Áustria, ou de Habsburgo, casada com D. João III em 1524, situação que é coeva com a arquitectura (localização, área, saneamento e qualidade do edificado) exumada pela intervenção arqueológica. (Bargão, Ferreira e Silva, 2017, p. 1786).

Quanto aos materiais de Época Moderna, são conhecidos até ao momento informações parciais, com a publicação de algumas peças isoladas, do conjunto de porcelana (Henriques, 2012, p. 919-932), um jarro de cerâmica comum brunida, enquadrado entre os séculos XV-XVI (Silva e Ferreira, 2015, p. 134), e um conjunto de 866 azulejos hispano-mouriscos (Bargão, Ferreira e Silva, 2017, p. 1781-1782).

## 2. CONTEXTO DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

Em 1991, a transferência do Ministério das Obras Públicas, do Terreiro do Paço para a zona da Colina do Castelo, implicou a adaptação de um conjunto de imóveis situados entre as ruas de São Mamede, das Pedras Negras, a Travessa do Almada e a Calçada do Correio Velho. Os trabalhos arqueológicos, iniciaram-se em consequência da deteção de afetação do subsolo, provocada pela abertura de sondagens geotécnicas nos três edifícios contíguos com a Travessa do Almada (Guimarães, Silva, 2017, p. 1280).

Posto isto, aquando do início dos trabalhos no Palácio dos Condes de Penafiel, para a sua adaptação a sede do Ministério das Obras Públicas, a necessidade da construção de um piso de estacionamento subterrâneo no espaço do jardim, convergiu na execução de trabalhos arqueológicos com o consentimento do extinto Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural (Guimarães, Silva, 2017, p. 1280), sendo que a instalação dos organismos no novo espaço resultou num

maior impacto no local onde se encontrava o jardim (Bargão, Ferreira e Silva, 2017, p. 1782).

A intervenção ficou a cargo do já extinto GTTRL (Gabinete de trabalho do Teatro Romano de Lisboa), extinto em 1998, e onde permaneceram todos os registos da escavação (Bargão, Ferreira e Silva, 2017, p.1782), razão pela qual a única análise que é possível elaborar quanto à estratigrafia é somente a que se consiga deduzir dos registos que existem de inventário, onde se identifica as quadrículas e camadas de origem dos materiais, apenas sendo possível a tentativa de uma reconstrução horizontal da estratigrafia do sítio arqueológico.

A área em intervenção foi dividida utilizando o método de Mortimer Wheeler, com a adaptação através da não criação de banquetas, com um total 16 quadrículas de 5x5 m, contabilizadas no sentido de este para oeste, e de sul para norte a partir do vértice SE da superfície interna, delimitada pelos muros da fachada do jardim (Guimarães, Silva, 2017, p. 1280; Bargão, Ferreira e Silva, 2017, p.1782).

Na sequência desta intervenção, foram detetadas duas habitações distintas, uma escavada na sua quase totalidade, correspondendo esta às quadrículas 1 a 12; e a segunda, às quadrículas 13 a 16.

Estas habitações terão sucumbido no terramoto de 1 de Novembro de 1755, conhecendo-se pelos trabalhos de Ferreira de Andrade na década de 40 do século XX, referentes à freguesia de S. Cristóvão, que a primeira habitação estaria associada a D. Luís de Portugal (Andrade, 1946).

O contexto em estudo é respeitante às condutas que se encontram na casa de D. Luís de Portugal, correspondendo estas às quadrículas 3, 4 e 8, que se inserem nas salas 3 e 6 da habitação 1 e ao muro Norte da sala 2, que separa o pátio da habitação e a sala 5, tendo os materiais em estudo sido recolhidos integrando a argamassa que constitui o muro, que será datado, no mínimo, do 1º quartel do século XVI, dados os materiais que compõem o contexto.

As condutas intervencionadas foram divididas em 3 partes, com a ligação através de caixas, correspondendo os materiais presentes no seu interior ao progressivo enchimento das mesmas, tendo sido recolhido um conjunto de espólio composto por, nomeadamente, cerâmica comum de barro vermelho; porcelana da dinastia Ming, do reinado Wanli; e faiança portuguesa.

### 3. O CONTEXTO DAS CONDUTAS

O conjunto estudado, não correspondendo à totalidade dos materiais exumados nas condutas, é constituído por um total de 272 fragmentos de faiança portuguesa, sendo de realçar a ausência de qualquer espólio importado, com excepção de porcelana.

São possíveis de distinguir dois momentos do entulhamento da conduta, sendo a 1ª fase da quadrícula 3 e 8, e a 2ª fase apenas na quadrícula 3, sendo que a parte da conduta que se encontra na quadrícula 4 não apresenta qualquer espólio de faiança, o qual aparenta concentrar-se junto às caixas de junção da canalização.

As formas presentes correspondem maioritariamente à forma do prato, sendo que dentro desse grupo a forma do prato de bordo em aba, corresponde, aquando da análise do número mínimo de indivíduos geral do conjunto, a 24% dos NMI, num total de 58% de pratos. Encontram-se presentes também as formas de Covilhete (12%), Taça (10%) e Taça troncocónica (19%) (Ver tabela 1).

Não foi possível determinar a que tipo de forma pertencem 149 fragmentos dos 272 em estudo, devido a estes se encontrarem em mau estado de conservação, não apresentando qualquer esmalte, ou estando muito fragmentados, não possibilitando mais nenhuma classificação para além de se determinar se se trata de bordo, fundo ou bojo.

As faianças recolhidas no contexto das condutas caracterizam-se por serem de fabrico regional, isto é, de Lisboa, com predomínio (91,18%) das pastas de coloração amarela/creme (2.5Y 8/6), surgindo em minoria (8,82%) pastas de coloração avermelhada (10R 6/8), com apenas 24 fragmentos. As pastas amarelas possuem, na sua maioria um acabamento com esmalte de cor branca (5YR 8/1), enquanto as pastas de coloração avermelhada são na sua maioria detentoras de um acabamento em esmalte verde (5YR 7/8) ou com uma tonalidade de transição entre verde e branco (5Y 8/2).

As pastas amarelas caracterizam-se por serem relativamente compactas, com textura moderadamente regular e reduzida resistência, com elementos não plásticos (ENP) que se caracterizam pela presença em grande quantidade de quartzo ferruginoso de média dimensão, pouca moscovite e alguns, raros, elementos ferruginosos.

As pastas avermelhadas caracterizam-se por serem pastas compactas, de textura e fractura irregulares.

Em termos de composição dos seus elementos não plásticos (ENP) partilha uma matriz comum com as pastas amarelas, notando-se apenas a adição de algum quartzo hialino de pequena/média dimensão. É de apontar que no interior do esmalte verde de acabamento, este apresenta também alguns quartzos ferruginosos embutidos em si, não sendo claro se fazem parte da superfície da pasta ou de constituintes do esmalte.

Quanto aos esmaltes, estes apresentam uma espessura muito fina, nunca excedendo os 0,5mm de espessura.

Nas formas cujo esmalte é verde (pratos), ou de tonalidade verde (taças), estas nunca apresentam decoração, quer externamente, quer internamente. Estas faianças apresentam-se como as de cronologia mais recuada no contexto, enquadrando-se cronologicamente nos finais do século XVI e princípios do século XVII (Sebastian, 2010, p. 137).

Quanto às formas cerâmicas representadas no conjunto, destaca-se a por nós designada como prato de aba, para o qual possuímos somente um fragmento de perfil completo. Esta forma caracteriza-se por possuir um fundo em ônfalo, parede extrovertida em ângulo de cerca de 45°, com uma carena pronunciada na superfície externa, onde a orientação da parede verticaliza, terminando num bordo em aba, de forma côncava e tendência horizontal. Característica desta forma é ainda o esmalte esverdeado e as pastas avermelhadas, existindo, no entanto, alguns exemplares que possuem pasta amarela e um esmalte branco de muito boa qualidade, por vezes ainda com alguma tonalidade verde, denotando a transição para as produções canónicas Lisboaetas.

Dentro da forma do prato, distinguiu-se ainda a forma do prato médio, que consideramos caracterizar-se por um bordo extrovertido, com uma secção côncava na transição entre o seu fundo e o bordo, apresentando internamente uma carena ligeiramente pronunciada na transição com o bordo. Esta forma apresenta ainda um pé em anel, que pode ser mais ou menos pronunciado. Apenas se optou por esta classificação aquando da presença de um perfil completo, situação que se verificou com o surgimento de dois pratos em muito bom estado de conservação, incluindo iconografia, a qual se distingue pela sua individualidade no conjunto.

A iconografia presente nestes dois exemplares de prato, remete, num dos casos para os temas barrocos, com a representação de um *putti* como tema

central, havendo junto ao bordo uma inscrição em vináceo, ainda que, devido à fragmentação, não seja possível de interpretar. O outro prato, que se apresenta praticamente completo, e cuja forma não é completamente redonda, assemelhando-se a uma forma oval, é decorado com azul cobalto e amarelo, com motivos decorativos que não foram possíveis de precisar, ainda que a hipótese mais plausível seja a de motivos vegetalistas, à semelhança do ocorre na face externa, tendo este estilo decorativo uma cronologia de cerca de meados do século XVII.

No respeitante aos pratos fundos, considerou-se aqueles que possuindo o perfil completo, apresentam uma verticalidade entre 90º e 70º da parede, desde o fundo até ao bordo, sendo de difícil distinção uma área de transição clara entre o fundo e o bordo, contrariamente ao que ocorre no prato de aba e no prato médio. A decoração destas formas caracteriza-se por uma ou duas linhas a azul cobalto no interior junto à extremidade do bordo, e uma ou duas circunferências concêntricas no fundo, também em azul cobalto, podendo, na maioria dos casos, possuir uma decoração fitomórfica ou de inspiração oriental no interior do centro do fundo.

O prato covo caracteriza-se pelo bordo côncavo e extrovertido, não existindo distinção entre a caleira do prato e o fundo, sendo somente uma só parte de forma hemisférica.

A forma de covillete caracteriza-se por possuir um fundo plano, pé em anel, e uma parede muito verticalizada, com diâmetros de bordo enquadáveis entre os 13 e os 16 centímetros. Estas não possuem qualquer decoração, ou tendo será somente na superfície externa, com motivos barrocos, em arranhões e pêssegos, podendo possuir uma linha no interior, junto ao bordo, em manganês ou em azul cobalto.

A forma da taça caracteriza-se por ser hemisférica e por ter um diâmetro de bordo enquadrável entre 10 e 16 centímetros, com um bordo extrovertido, ligeiramente espessado externamente, e fundo em pé de anel. Estas formas apresentam-se como uma das mais representadas nas produções de esmalte verde e pasta avermelhada, nunca possuindo qualquer decoração nesse acabamento. Em esmalte branco, apresentam somente decoração em azul sobre branco, sem motivos compósitos.

A última forma identificada é a taça troncocónica, na qual considerámos as formas de grande dimensão, de fundo plano ou com tendência a descair para o plano do pé junto ao centro, parede de tendên-

cia extrovertida, com um bordo espessado externamente, passível de ser considerado como lábio. Estas formas apresentam uma elaborada decoração em azul cobalto no seu interior, e apenas algumas linhas, que nos sugerem motivos vegetalistas, no exterior. Quanto ao seu pé, este não é marcadamente um pé de anel, no entanto, sem deixar de se destacar do fundo.

Dos materiais abordados, os únicos que não forneceram nenhuma forma relativamente bem preservada, apresentando o conjunto um elevado estado de fragmentação, foram as faianças de azul sobre azul, razão pela qual existe a possibilidade de um dos fragmentos poder ter possuído decoração a amarelo, mas sem certezas devido à sua fragmentação.

Quanto ao enquadramento cronológico do conjunto, este situa-se entre os finais do século XVI/princípios do século XVII (1ª fase), com as primeiras produções de faiança portuguesa, e os meados do século XVIII (2ª fase), com as decorações em arranhões e pêssegos e os motivos fitomórficos simples (Gomes, Casimiro e Gonçalves, 2012, p.107).

Quanto à interpretação cronológica passível de ser efectuada a partir dos materiais, podemos afirmar, com certezas que estes correspondem a um progressivo processo de entulhamento e desativação das estruturas.

Assim, a primeira fase de entulhamento, enquadra-se entre o final do século XVI e a primeira metade do século XVII, de onde se destacam algumas camadas. Posto isto, observamos na quadricula 3 AB – camada 42, a presença de carena de prato de aba, sem decoração, com pasta amarela e cor branca com tom verde no exterior. Observa-se igualmente outro fragmento, agora um bordo, que se insere nas mesmas especificações que o fragmento suprarreferido. Propõe-se a cronologia centrada em torno a finais do século XVI/início do século XVII.

Já na camada 42 A foi exumado um fragmento correspondente a um prato de aba de tonalidade verde, com pasta avermelhada. Tendo em conta as informações expostas sobre o fragmento exumado é possível datar esta camada a finais do século XVI (Sebastian, 2010).

Na quadricula 8 – camada 7, surge o fragmento de perfil completo de prato com decoração a azul e amarelo. Foi exumado também o fragmento de bordo de um prato de aba com esmalte a branco. E salientamos ainda um fragmento de um fundo em ônfalo também de prato de aba. Com base nas evidências, e

em particular na decoração a amarelo e azul, apontamos a um momento próximo de meados do século XVII (Casimiro e Sequeira, 216 p. 263).

A segunda fase do processo de entulhamento e abandono das condutas, que apenas está documentada na quadrícula 3, na parte respeitante às condutas 2 e 3, está datada entre a 2ª metade do século XVII e o início do século XVIII.

Esta datação é corroborada pela recolha, na conduta 2 – camada 41, de três fragmentos de prato com decoração simples em azul; um do bojo de tigela sem decoração e um fragmento de prato com decoração a azul sobre azul e amarelo (*berretino*). Exposto isto, é possível datar a camada a meados do século XVII/XVIII.

Já para a conduta 3, na camada 23 c), foi exumado um fragmento de bordo de prato, que apresenta decoração em vináceo e azul de tema barroco com pêssegos. Surge também um fragmento de fundo de prato, cuja decoração apresenta motivos vegetalista a azul e vináceo da faixa barroca. Referimos por último um fragmento de bordo pertencente a uma taça decorado a azul e branco. Face ao exposto é possível sugerir a datação da camada entre o final do século XVII e o início do século XVIII. (Gomes, Casimiro, Gonçalves, 2012. p. 107).

Assim, e tendo em consideração que a adição de letras à numeração das camadas corresponde a extensões das camadas, podemos afirmar que o entulhamento da conduta 3 corresponde na sua fase mais antiga à camada 42 (entulhando então também parte da conduta 2), datada de finais do século XVI, seguida de novo entulhamento (camada 41) enquadrável já no século XVII, provavelmente durante o 1º quartel do século XVII.

A conduta 2 terá tido também o seu primeiro entulhamento nos finais do século XVI, seguida de novo entulhamento já em pleno século XVII e no início do século XVIII.

Na sala 3, as condutas são colmatadas pela camada 23 e suas extensões, datadas do século XVIII.

Quanto à caixa N, ou seja, a transição entre a conduta 2 e a conduta 1, esta é datável, na sua colmatação, ao início do século XVII, já que as formas presentes assim o comprovam.

Apenas a conduta 1 não apresenta qualquer espólio de faiança, pelo que não é possível atestar o momento do seu abandono, no entanto, este deverá ser contemporâneo à caixa N, ou seja, início do século XVII. Assim, levantam-se algumas questões quanto à cro-

nologia avançada por Luís Sebastian (2010) para as produções de esmalte verde, podendo, a nosso ver, ser remetido para meados do século XVI, ao invés do final da centúria. Quanto ao final das produções de pasta vermelha e esmalte verde, o espólio aparenta apontar o seu desaparecimento nos meados do século XVII, quando se encontra ausente e as suas formas são substituídas por iguais em esmalte branco, mantendo, ainda as mesmas pastas vermelhas inalteradas e em convivência com pratos com as pastas amarelas e formas do século XVII/XVIII.

#### 4. CONTEXTO DO MURO NORTE DA SALA 2

A construção do edifício, integrado inicialmente nas casas de D. Catarina, e posteriormente propriedade de D. Luís de Portugal (Bargão, Ferreira e Silva, 2017, p. 1788; Andrade, 1946), terá resultado de uma remodelação profunda do espaço previamente existente, com a já analisada desactivação do cano baixo-medieval e a edificação de uma residência destinada a ocupantes da alta burguesia ou nobreza, podendo ser mencionada a riqueza do edifício através da sua decoração profusa com azulejos, dos quais se destacam as importações, que permitem situar a edificação ou remodelação do espaço em torno à década de 1520 (Bargão, Ferreira e Silva, 2017, p. 1787-1788).

Foi, no entanto, identificado no muro Norte da sala 2 um contexto referente à construção da habitação, onde se integraram materiais arqueológicos nas argamassas, podendo por tal ser atribuída uma cronologia entre os meados do século XVI e o início do século XVII que, ainda que correspondendo a um pequeno conjunto, encontram representadas produções italianas, alemãs (*Westerwald*) e de Manizes/Paterna. É de realçar que, sem contexto claro, surgem mais alguns fragmentos desta cronologia entre os materiais do contexto de 1755, sendo que pelo estado de conservação dos fragmentos, é sugerido que se tratem de fragmentos provenientes de perturbações posteriores nos contextos mais antigos, com produções Valencianas e Sevillhanas, bem como, de Majólica.

O conjunto resultou, após análise estatística (tabela 1), na determinação de um número mínimo de indivíduos (NMI) de 14, sendo que, apenas 42,86% do total tem proveniência nacional, com os fabricos enquadrando-se nas produções características de Lisboa, com esmalte de coloração branca.

A nível decorativo, a faiança portuguesa caracteriza-se pela ausência de motivos decorativos, sendo de realçar a predominância das formas dos pratos e das taças, e a representação por apenas um indivíduo da forma de covilhete, a qual apresenta profundo desgaste do esmalte no bordo.

No respeitante às produções europeias realça-se sobretudo as produções italianas, com 35,71% do total de indivíduos.

Aqui poderá ser destacada supremacia das produções de majólica, com dois indivíduos de origem indeterminada, e um das fábricas de Montelupo, este com decoração policroma com azul, verde e amarelo sobre fundo branco.

De realçar que as produções de Montelupo destacam-se entre os finais do séc. XV e a primeira metade do séc. XVI, beneficiando de um grande porto, permitindo a difusão da cerâmica dentro e fora da península itálica (Barradas e Silva, 2017, p.1678), daí que esteja atestado com alguma abundância nos contextos portugueses e Lisboetas, realçando-se aqui as exumadas em Carnide, no largo do Coreto e no largo do Jogo da Bola, onde se recolheram fragmentos de Montelupo que apresentavam decoração a *fogila bleu*, que se manifesta pelos motivos vegetalistas a azul de grandes dimensões, a decoração *nastri* e decoração *beretino* a azul sobre azul. (Casimiro, Boavida e Moço, 2015, p. 61; Felício, Sousa, Guimarães e Gadanho, 2017, p. 1809-1820).

Estas produções combinam dois fragmentos de decoração policromática (*a nastri spezzati*), um com decoração de estilo *berretino*, e um com decoração geométrica no fundo, inserindo-se proximamente do estilo *orientale evoluto*. O estilo *a nastri spezzati* (1550-1600), é um motivo exclusivo de formas abertas que consiste em bandas entrelaçadas e cortadas, realizadas a azul e outras cores muito vivas, as quais rodeiam um tema central, que poderia ser uma espécie de flor ou de estrela; enquanto o estilo *orientale evoluto* (1550-1590), é constituído por uma rede de losangos e linhas curvas a azul, preenchidos por elementos estilizados realizados em cores vivas (Cavaco e Covaneiro, 2017, p. 208).

O estilo *berretino* poderá ser associado às oficinas de Faenza e Veneza que, no séc. XVI, desenvolveram o *Stile Bello*, composto por elementos monocromáticos azuis com pinceladas brancas sobre um fundo azul ou azul-acinzentado para o que se designa de *berretino*, o qual é inspirado na porcelana chinesa, sendo caracterizado pela gradação de cores dentro

do espectro azul e manifesta-se pelo caráter simplista e vegetalista da decoração. (Farris e Ferrarese, 1969, p. 206).

Nas produções italianas foi ainda recolhido um bordo possível de identificar como uma produção Ligure, o qual se insere igualmente no estilo *berretino*, ainda que o esmalte se encontre mal preservado e não permita uma leitura profunda do motivo decorativo.

Menos representadas, com apenas 7,14% do total de indivíduos, encontramos as produções de Manizes ou Paterna, as quais se encontram muito fragmentadas, apenas podendo ser consideradas como um indivíduo, apresentando a habitual ausência de decoração, com um esmalte brilhante e resistente de cor madrepérola.

Quanto às produções alemãs, no território nacional detectam-se as produções provenientes da região do Reno, destacando-se as peças do tipo *Bellarmino*. Estas, são jarras que se apresentam com a forma de um homem, sendo uma alusão ao cardeal jesuíta Roberto Bellarmino (Cavaco, Covaneiro, 2017, p. 210). No contexto dos jardins do Palácio dos Condes de Penafiel surge somente um fragmento de bojo desta produção em grés, com parte de decoração com uma bolota. Estas formas de grés, foram produzidas entre o séc. XVI e o séc. XVIII, sendo que estas representam uma inovação tecnológica, uma vez que a adição de sal durante a cozedura gera superfícies vitrificadas com aspeto acetinado, mais brilhantes e resistentes (Cavaco, Covaneiro, 2017, p. 210).

A representatividade das produções de Majólica no contexto (43%), que em conjunto com a faiança portuguesa perfazem a quase totalidade do espólio, permitem apontar para a cronologia já sugerida entre meados do século XVI e o início do século XVII, sendo que, a nosso entender, este contexto deverá ter uma conexão com o contexto das condutas e os azulejos exumados nesta intervenção (Bargão, Ferreira e Silva, 2017), aproximando-se a cronologia de meados do século XVI, podendo inclusive ser anterior à data de 1550 apontada para as decorações de Majólica (Cavaco e Covaneiro, 2017, p.208; Farris e Ferrarese, 1969, p. 206).

## 5. CONCLUSÕES

Da escavação efetuada em 1992-1993, nos jardins do PPJ, nos contextos em análise, foram assim recolhidos um total de 294 fragmentos, dos quais se determinou um número mínimo de indivíduos total de

97, que remetem para uma cronologia entre o século XVI e XVII.

Esta realidade observada é coeva com os dados já anteriormente fornecidos pelos 866 azulejos hispano-mouriscos, de onde se destacam dois exemplares utilizando a técnica de corda-seca, um alicatado, e os restantes, com a técnica “de aresta” ou “cuenca”, os quais foram associados à decoração que revestiria os andares superiores das “casas de dona Catarina”, com posteridade a 1524, e cuja produção poderia ser oriunda das oficinas de Triana de Juan ou Diego Polido, na década de 1520 (Bargão, Ferreira e Silva, 2017, p. 1786-1788).

Assim, de acordo com os resultados obtidos, confirmar-se a edificação das “casas de Dona Catarina” nas primeiras décadas do século XVI, bem como a anterioridade da conduta, a qual já se encontraria naquele espaço no século XV, parecendo ocorrer um aproveitamento da sua existência aquando do planeamento do edifício, com o cuidado da não obstrução com muro das caixas de junção, as quais foram, em função das evidências materiais, tidas pelos habitantes como áreas de descarte para os lixos do quotidiano.

O numeroso espólio aqui analisado, com destaque para as condutas, espelha o quotidiano do lugar, atestando desde cedo o que se poderá considerar como um relativamente elevado poder de compra por parte dos residentes, com o consumo de faiança portuguesa a seguir todas as suas transformações formais e estilísticas na diacronia, denotando-se uma tendência para a aquisição dos materiais mais recentes, situação que poderá espelhar um fenómeno do seguimento de modas, e por tal permite inferir quanto ao *status* dos que habitavam nas “casas de Dona Catarina”.

Por fim, ainda que o contexto do muro não permita compreender em maior profundidade o que seria aquele espaço antes da edificação da habitação, em torno à década de 1620, o espólio permite já inferir que naquela área existiriam habitantes com elevado poder económico que consumiam os bens importados de Espanha, Itália e Alemanha, ainda que pareça que nesta área o consumo destes bens, sobretudo da majólica, pareça ser mais tardio e menos expressivo que em outras zonas de Lisboa.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Ferreira de (1946) – *A freguesia de S. Cristóvão. Volume I e II*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE M., ed. (1998) – Protocole de quantification des céramiques. In *La quantification des céramiques. Conditions et protocole*, Actas da mesa redonda de Bibracte. Glux-en-Glenne: Centre archéologique européen, pp.141-157.

BARGÃO, André; FERREIRA, Sara; SILVA, Rodrigo Banha da (2017) – Policromias e padrões: azulejos “de aresta” e “de corda-seca” do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa (séculos XV-XVI). In *Arqueologia em Portugal – Estado da Questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1781-1794.

BARRADAS, Ana Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da (2017) – Cerâmicas Quinhentistas vidradas de um poço Medieval da Praça da Figueira (Lisboa). In *Arqueologia em Portugal – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1691-1702.

CASIMIRO, Tânia Manuel; BOAVIDA, Carlos; MOÇO, Ana (2015) – Louça “de fora” em Carnide (1550-1562) Estudo do consumo de cerâmica importada. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa/Departamento de Património Cultural/Direção Municipal de Cultura/Câmara Municipal de Lisboa/ (CAL/DPC/DMC/CML), pp. 57-67.

CASIMIRO, Tânia; SEQUEIRA, João (2016) – Faiança Portuguesa dos séculos XVI-XVIII recuperada no Tejo. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira. Volume 5, pp. 260-273.

CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaqueline (2017) – Evidências das relações comerciais do porto de Tavira através da cerâmica. *Scientia Antiquitatis*. Évora. Volume 1, nº 2, pp. 195-218.

FARRIS, G; FERRARESE, V. A. (1969) – Contributo alla conoscenza della tipologia e della stilistica della maiolica ligure del XVI secolo. *Atti della Società Ligure de Storia Patria*. Génova, pp. 187-221.

FELÍCIO, Catarina; SOUSA, Filipe; GUIMARÃES, Raquel; GADANHO, André (2017) – A cerâmica Italiana dos séculos XV e XVI do Largo do Jogo da Bola em Carnide, Lisboa. In *Arqueologia em Portugal – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1809-1820.

GOMES, Mário Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel; GONÇALVES, Joana (2012) – *Espólio do Naufrágio da Ponta do Leme Velho (Ilha do Sal, Cabo Verde): Contributo para a Arqueologia da Expansão*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências.

GUIMARÃES, Raquel; SILVA, Rodrigo Banha da (2017) – Um contexto cerâmico e vítreo da primeira metade do séc. III d.C. do Palácio dos Condes de Penafiel (Lisboa). In *Arqueologia em Portugal – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1279-1292.

HENRIQUES, José Pedro Vintém (2012) – Do Oriente para Ocidente: contributo para o conhecimento da porcelana chinesa nos quotidianos de época moderna. Estudo de três contextos arqueológicos de Lisboa. *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar. Volume 2, pp. 919-932.

MUNSELL, Richard (1994) – *Soil Color Charts*. New wids-on: Kollmorgen Instruments, Macbeth Division.

SEBASTIAN, Luís Carlos Pereira (2010) – *A produção oleira de faiança em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Tese de Doutoramento em História variante Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pp. 91-516.

SILVA, Rodrigo Banha da; FERREIRA, Sara (2015) – Jarro. In *Lisboa 1415 Ceuta. Uma história de duas cidades*. Ceuta/Lisboa: Ciudad Autónoma de Ceuta/Câmara Municipal de Lisboa e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 134.

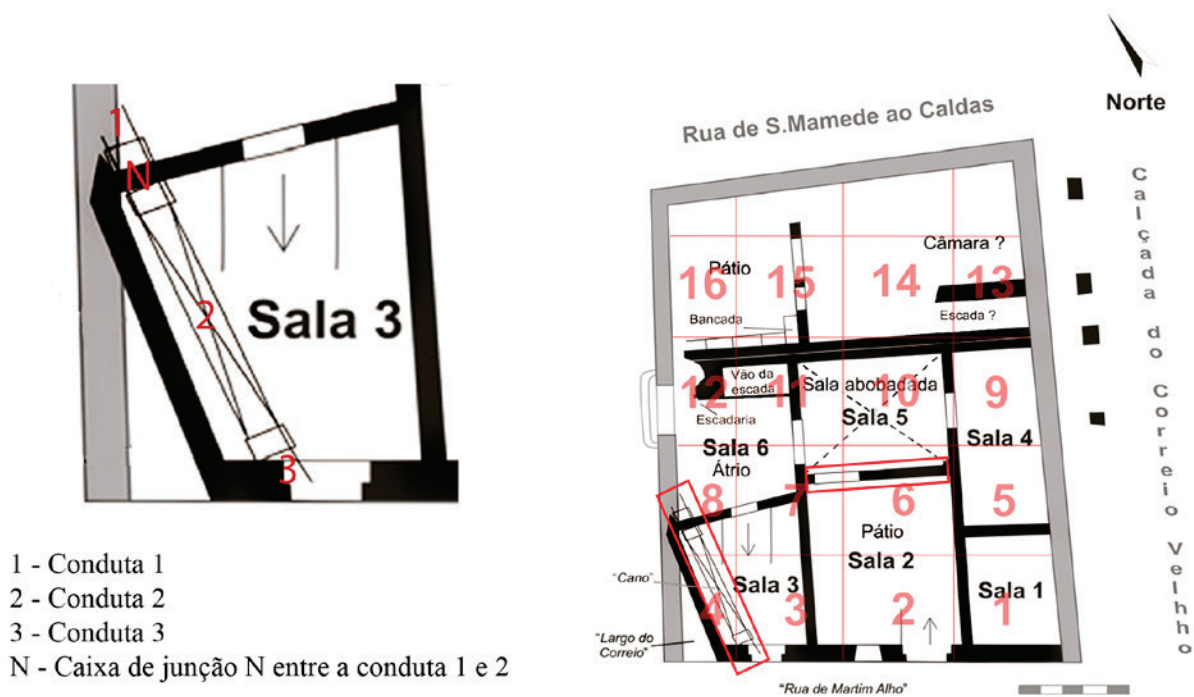


Figura 1 – Planta geral da intervenção de 1992-1993, estando assinalado com rectângulos vermelhos os contextos em análise. Adaptado de Bargão, Ferreira e Silva, 2017, p. 1791.

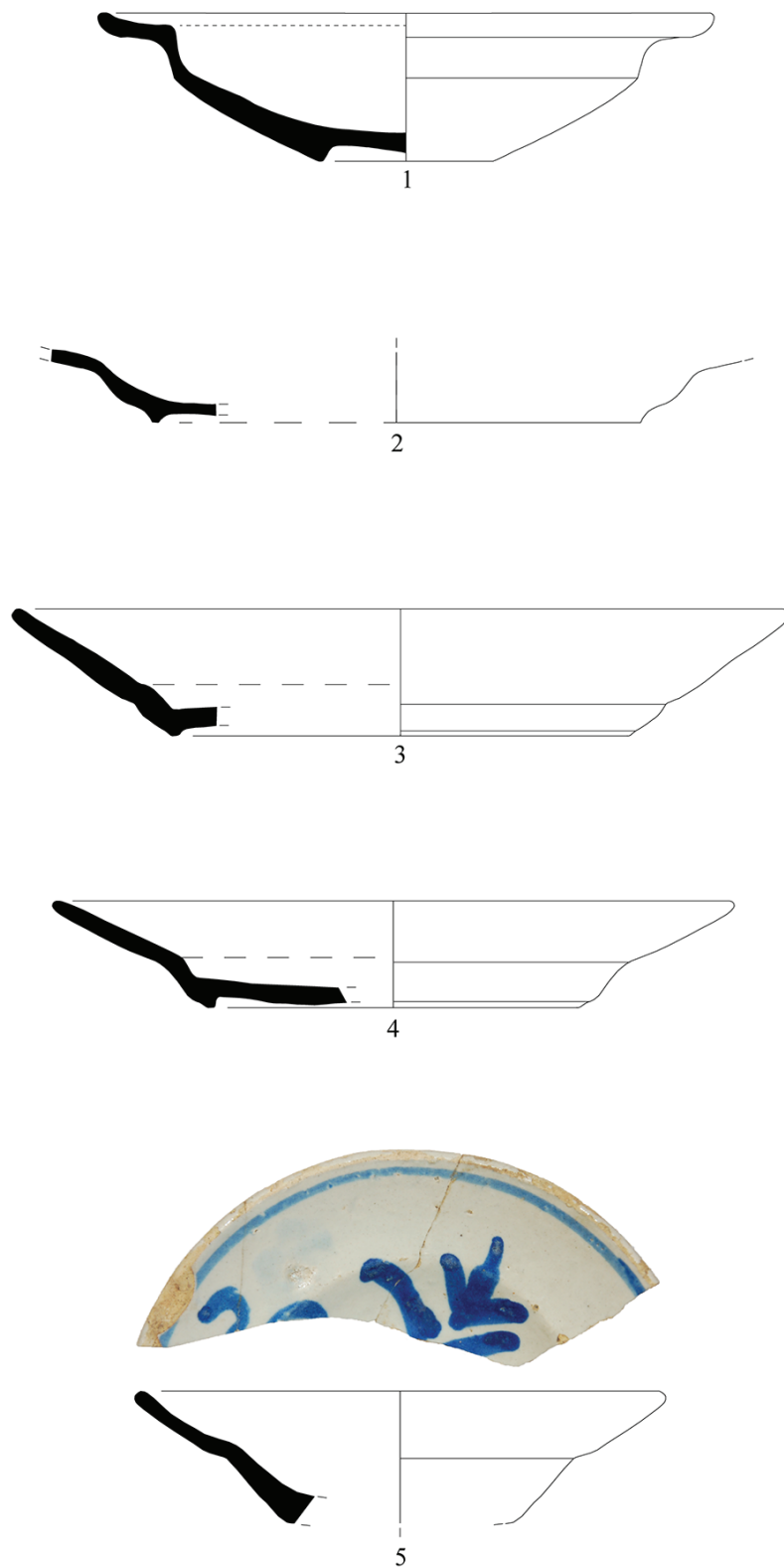
NMI Condutas 1-3					
Forma	Nº de fragmentos	Fragmento	Nº de fragmentos	NMI	% NMI Prod.
Covilhete	10	Perfil Completo	3	10	12%
		Bordo	7		
Prato	45	Perfil Completo	2	20	24%
		Bordo	18		
		Fundo	17		
		Bojo	6		
		Carena	2		
Prato de aba	31	Perfil Completo	1	20	24%
		Bordo	19		
		Fundo	5		
		Bojo	3		
		Carena	3		
Prato médio	4	Perfil Completo	4	4	5%
Prato fundo	3	Perfil Completo	3	3	4%
Prato covo	1	Bordo	1	1	1%
Taça	10	Perfil Completo	1	8	10%
		Bordo	7		
		Fundo	2		
Tigela	19	Perfil Completo	4	16	19%
		Bordo	12		
		Fundo	2		
		Bojo	1		
Indeterminada	149	Bordo	19	1	1%
		Fundo	26		
		Bojo	104		
<b>Total</b>	<b>272</b>		<b>272</b>	<b>83</b>	<b>100%</b>

Tabela 1 – Contabilização do número mínimo de indivíduos total do conjunto exumado nas condutas.

Quadrícula 6/7					
Muro Norte da Sala 2					
Fabrico	Forma	Fragmento	Nº de Fragmentos	NMI	% NMI/Total
Faiança Portuguesa	Prato	Bordo	2	2	14,29%
		Bojo	1		
	Covilhete	Bordo	1	1	7,14%
		Taça	Bordo	2	2
Fundo	1				
Indeterminada	Bordo	1	1	7,14%	
Alemão	Belarmino	Bojo	1	1	7,14%
Manizes/Paterna	Taça	Carena	2	1	7,14%
Majólica (origem indeterminada)	Indeterminada	Bordo	1	2	14,29%
		Fundo	2		
		Bojo	1		
Montelupo	Prato	Fundo	1	1	7,14%
	Indeterminada	Fundo	1	1	7,14%
Ligúria	Prato	Bordo	1	1	7,14%
Indeterminado	Indeterminada	Bojo	4	1	7,14%
<b>Total</b>			<b>22</b>	<b>14</b>	<b>100,00%</b>

Tabela 2 – Contabilização do número mínimo de indivíduos total do conjunto exumado no muro Norte da sala 2.

Condutas



Escala 1:2

0 5 cm

Figura 2 – Espólio de faiança portuguesa exumado nas condutas. 1 – prato de aba; 2-4 – pratos médios; 5 – prato covô.

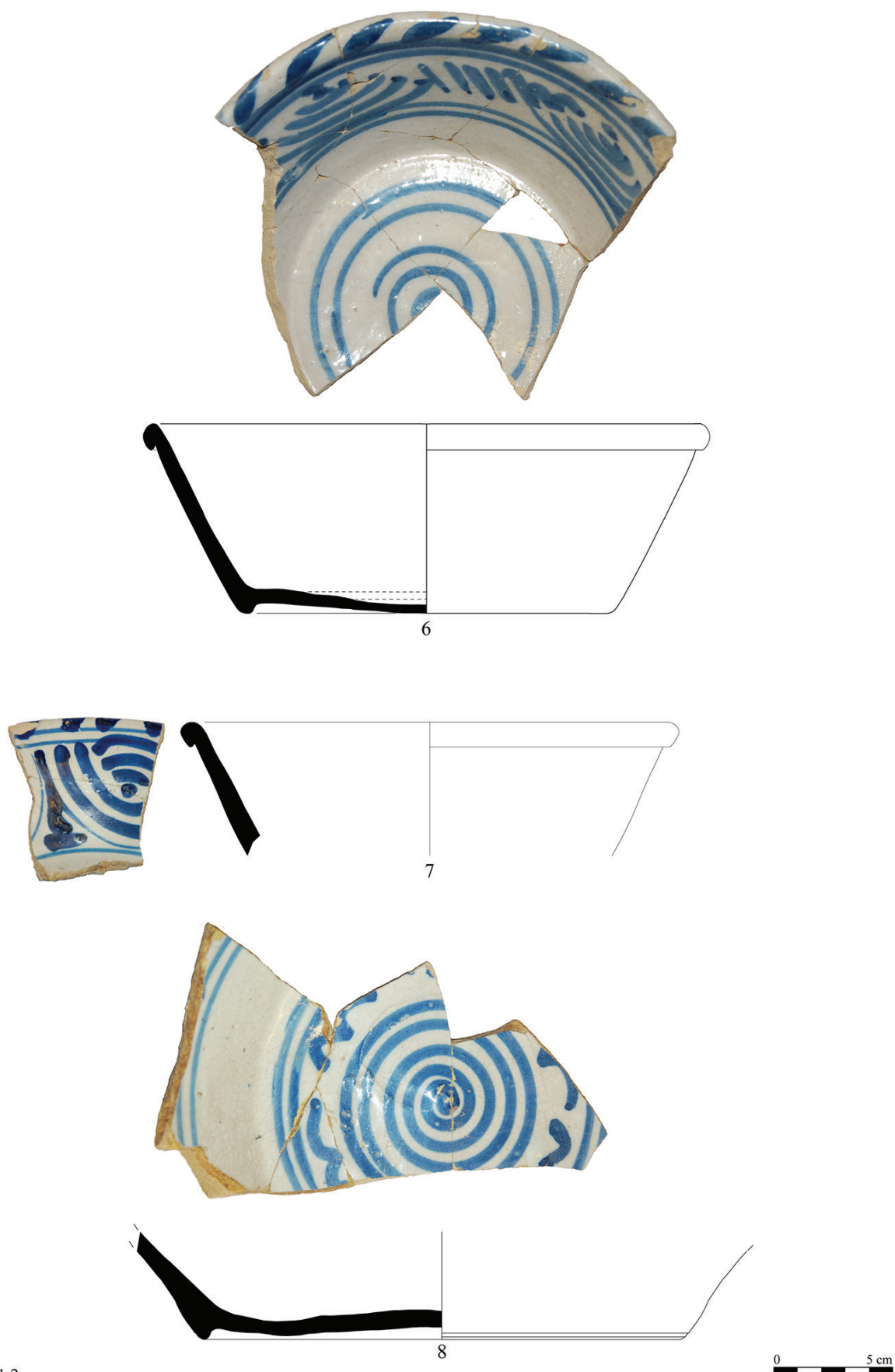
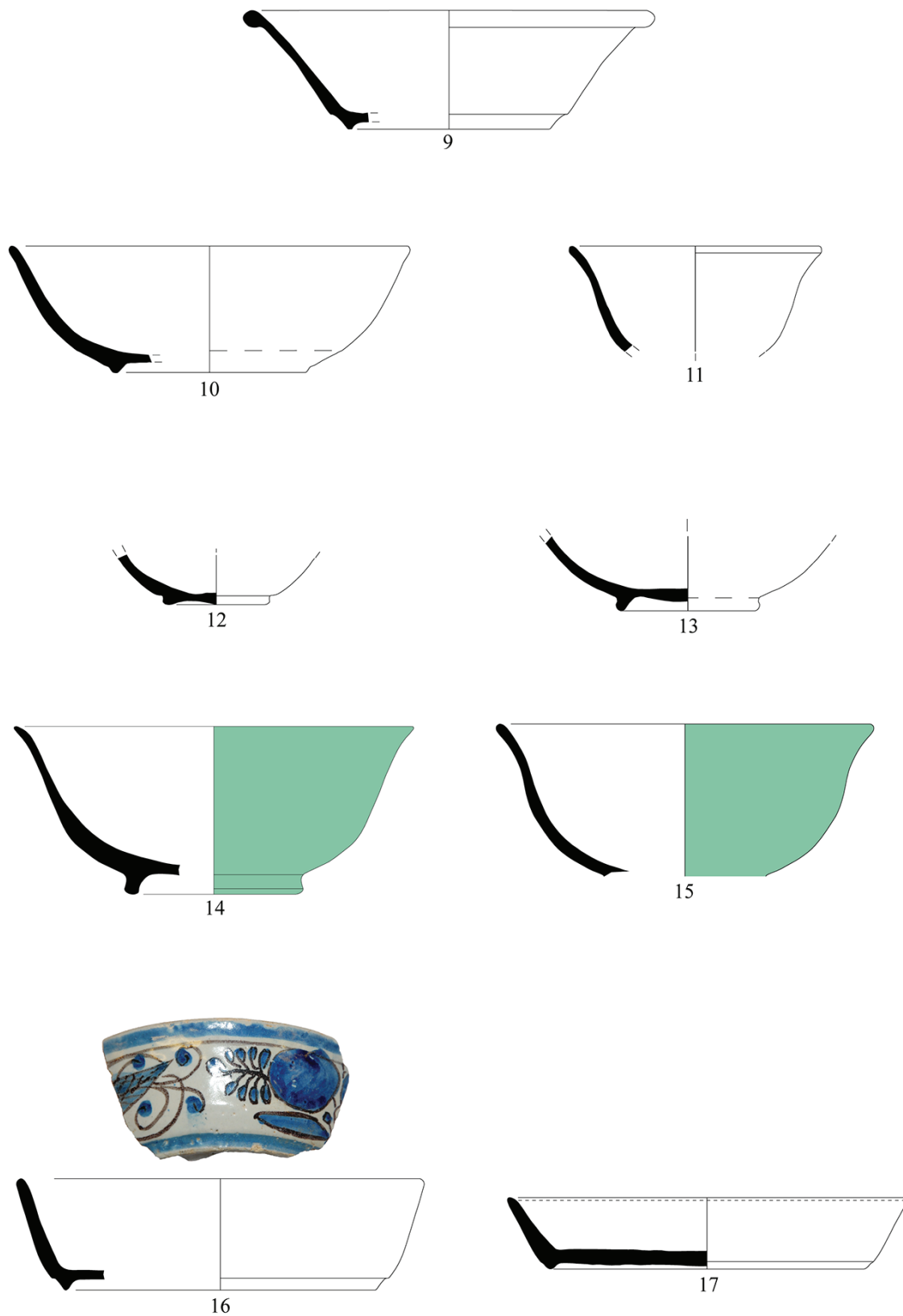


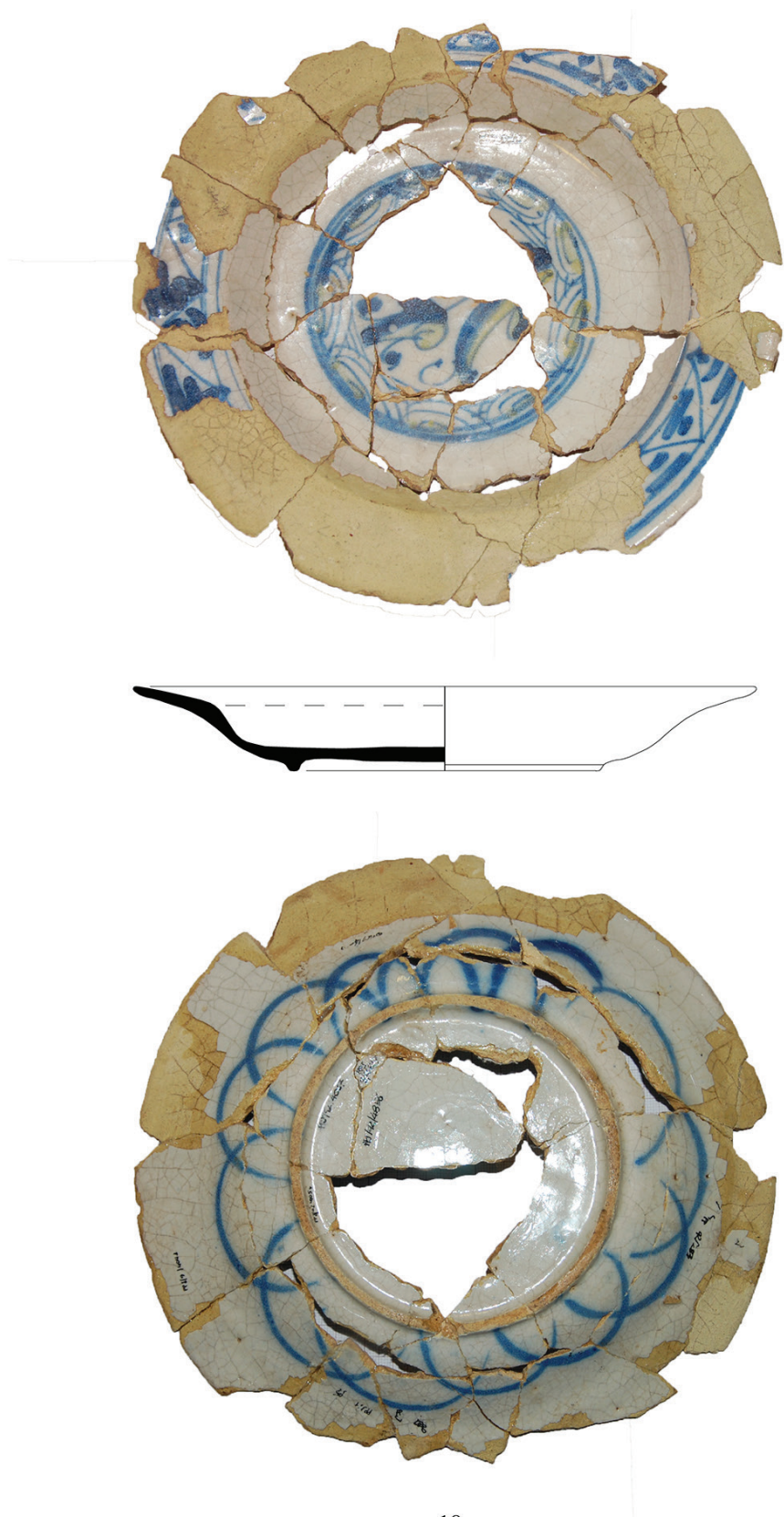
Figura 3 – Espólio de faiança portuguesa exumado nas condutas. 6-8 – Taça troncocónica com decoração em azul cobalto.



Escala 1:2



Figura 4 – Espólio de faiança portuguesa exumado nas condutas. 9 – taça troncocónica; 10-13 – tigelas de esmalte branco; 14-15 – tigelas de esmalte verde; 16-17 – covilhetes.

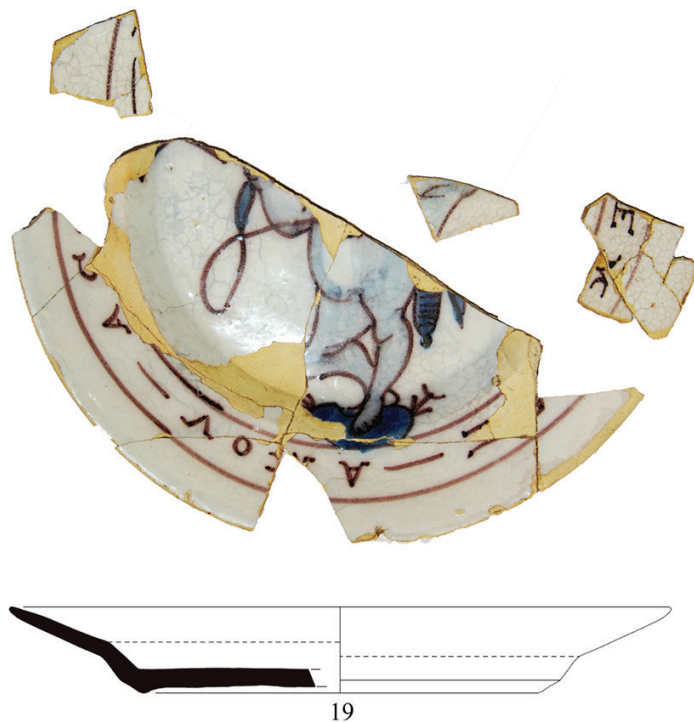


18

Escala 1:2

0 5 cm

Figura 5 – Espólio de faiança portuguesa exumado nas condutas. 18 – prato de motivos vegetalistas em azul cobalto e amarelo.



Escala 1:2



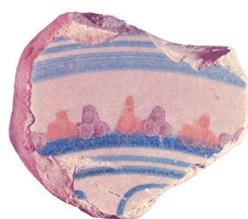
Muro Norte da sala 2



20



21



22

Escala 1:1



Figura 6 – Espólio de faiança portuguesa e europeia exumado nas condutas e muro Norte da Sala 2. 19 – prato com decoração barroca (*putti*); 20 – fragmento de Belarmino; 21-22 – fragmentos de majólica.





**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

**MAC**  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

**CITCEM**  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

**U** PORTO  
FLUP FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

**musaji**  
Associação de Amadores do Museu de Penafiel

